

TRANSGÊNEROS E TRANSEXUAIS: SOCIEDADE E MERCADO DE TRABALHO

Bárbara Anzolin (UNIPAR)

Sandra Mara Soares (UNIPAR)

Tatiane Marchalek (UNIPAR)

Resumo: O presente trabalho sobre Transgêneros e transexuais tem sido realizado por acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Campus Cascavel. Com a pesquisa, procura-se verificar a abertura das pessoas que desenvolvem o transtorno de Identidade de Gênero para falar sobre o assunto, como lidam com o preconceito e se sofrem preconceitos, como se dá a relação com a sociedade, e a aceitação no mercado de trabalho. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica, para levantamento de dados e serão realizadas 3 entrevistas semi-estruturadas com transgêneros e/ou transexuais da cidade de Cascavel. O levantamento de dados bibliográficos possibilitou um conhecimento básico sobre a realidade das pessoas que desenvolvem o transtorno, e das que querem a redefinição do próprio sexo, sendo possível obter algumas conclusões, principalmente ao comparar definições e pesquisas com relatos de transexuais sobre suas próprias realidades.

Palavras Chave: Transexual; Transgênero.

Transtorno de identidade de gênero

A sociedade está incorporando diversas identidades sexuais, mas não tem instrumentos para acompanhar as configurações da diversidade sexual. Consideramos que existem duas maneiras, de um lado as leis, e de outro, as explicações, compreensão e aceitação. No campo da área de direito, a inclusão da diversidade sexual na sociedade tem sido muito discutida. Mas ainda há muito que caminhar em matéria de legislação, na maioria dos países que concedem documentação a pessoas transexuais, é necessário realizar a cirurgia de redefinição de sexo para garantir seu reconhecimento, e sua existência legítima como alguém do outro sexo. (PORCHAT, 2008)



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

O ser que nasceu com o sexo anatômico masculino mas deseja ser mulher, veste-se como tal, implantou seios de silicone, mas não quis remover o órgão genital masculino não pode obter documentação de mulher. No campo da psicologia a reflexão parece avançar com mais cautela, os profissionais e os teóricos oscilam entre o enquadramento destes indivíduos em termos de patologia, desvio e perversão, e buscam aparato conceitual para compreender as mudanças sociais. (PORCHAT,2008). Em uma entrevista para uma revista Lea T relata:

“Eu to numa situação, que pra sociedade eu sou lixo (...) nós somos (...) não existe terceiro sexo legalmente. Então você não pode ser considerada uma transexual, você tem que ter uma operação, ou você é homem ou você é mulher. Agora eu, nos meus documentos eu sou homem, (...) e eu não tenho nenhum papel, nenhuma coisa legal que me dê o direito de ser chamada de mulher (...) eles chamam de ‘O transexual’, (...) porque não existe este terceiro sexo.” (LEA T, 2011)

Para a criança, futuro transexual, os projetos e expectativas a seu respeito são de tal forma rígidos que ela devera responder lá onde se espera que ela o faça, sob pena de não ser absolutamente entendida, para o futuro transexual não responder a representação narcísica do desejo dos pais equivale a não existir, a não se constituir como sujeito desejante. (CECCARELLI, s/d)

“É uma questão estética, se você não se sente bem com seu pênis, aí terá uma coisa mais coerente com seu corpo e sua mente.” (LEA T, 2011)

As tentativas de definir a transexualidade e elucidar sua gênese, refletem a complexidade da questão transexual demonstrando que entre os pesquisadores não há unanimidade quanto a sua origem, da mesma forma as propostas terapêuticas são extremamente controvertidas e por vezes, divergentes. Em se tratando de transexualidade toda prudência é recomendada, qualquer forma de ajudar estes sujeitos, deverá levar em conta a particularidade de trajeto sexual de cada um. (CECCARELLI, s/d)

“Eu acho desaforo, deveria existir o homem, a mulher e o transexual, mas a lei nos ignora, então eles te põem como mulher, mas não é uma mulher, apesar de ter uma cabeça de mulher, mas não é.” (LEA T, 2011)

O sentimento de ser do outro sexo, que os transexuais afirmam possuir è uma antiga forma de expressão da sexualidade. Da mitologia Greco-romana ao século XIX, encontramos relatos de personagem que se vestiam regulamente ou até definitivamente, como membros do outro sexo. Isto mostra a extensão do fenômeno indicado, ao mesmo tempo que aquilo que hoje é conhecido sob o termo de transexual. (CECCARELLI, s/d)



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Segundo os autores (GALVÃO & ABUCHAIM, 2001). Para os transgeneros há uma forte e persistente identificação com o gênero oposto, que consiste no desejo de ser do sexo oposto, acompanhado de um desconforto persistente com o próprio sexo ou a sensação de inadequação no papel de gênero deste sexo. Como “confirma” Lea T:

“Quando você nasce e se vê em um corpo de homem, precisa de ajuda para se transformar, para não ficar como aquela coisa ridícula, quer dizer, não ridícula, mas aquela coisa que você não gosta. Não existe uma facilitação para fazer a cirurgia, então deveria haver apoio para isso.

Segatto, (s/d) percebe, ao investigar e escrever uma matéria sobre transexuais, que enquanto gays, lésbicas e travestis aceitam os órgãos genitais que têm, transexuais negam e repudiam o que a natureza lhes proporcionou. Vivem um estranhamento e desconforto em relação ao próprio corpo que pode vir a desencadear tentativas de automutilação e suicídio.

Deve haver sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcional ocupacional ou social, ou em outras áreas da vida do indivíduo. Ainda segundo os autores os sintomas podem iniciar na infância e adolescência. (DSM – IV)

O sofrimento psíquico do transexual se encontra em uma total inadequação entre, de um lado a anatomia do sujeito e seu “sexo psicológico” e, de outro lado esse mesmo “sexo psicológico” e sua identidade civil. Essas pessoas manifestam uma exigência compulsiva imperativa e inflexível de “adequação do sexo”. Tal sentimento pode levar o sujeito ao suicídio, os transexuais são os primeiros a identificar o problema que os atinge e exigir tratamento necessário. Uma particularidade do transexualismo, é que os sujeitos que reivindicam a redesignação sexual, o fazem em nome do estatuto social de sua identidade, e não em nome do exercício legítimo da sexualidade. (CECCARELLI, s/d)

“Os transexuais não são homens que desejam se tornar mulheres”, explica o psiquiatra Ronaldo Pamplona da Costa, da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana. ‘Psicologicamente, eles já são mulheres.’” (SEGATTO, s/d)

“Transexual significa uma transição sexual, então você começa uma transexualização. Você nasce com uma síndrome de identidade de gênero, até uns seis anos de idade se vê apenas como uma criança, mas quando começa a se identificar com alguma coisa, quando começa a entender, é que começa a se ver nem como homem nem como mulher, mas você ainda não é uma transexual, você vira transexual quando começa a fazer terapia e a ser seguida por médicos para mudar de sexo.” (LEA T, 2011)

“A identidade de gênero é a forma como a pessoa percebe sua masculinidade ou feminilidade. A partir desta íntima convicção se autodetermina como sendo do gênero masculino ou feminino.” (REVISTA ÂMBITO JURÍDICO, s/d)

Transexualidade e o mercado de trabalho

Pouco material bibliográfico acadêmico/científico é encontrado sobre o mercado de trabalho para transexuais, apenas algumas reportagens e relatos de alguns sobre suas experiências.

A Constituição determina e deve garantir o bem-estar do cidadão, bem como o livre desenvolvimento de sua personalidade. Todos os seres humanos tem direito à vida, à integridade psicofísica e o direito à saúde, trinômio que contribui para o desenvolvimento da personalidade, traduzindo-se no exercício da cidadania. (GOLÇALVES, 2006) Porém, não é exatamente como ocorre com os transexuais, o exercício pleno da cidadania muitas vezes é inviabilizado, não conseguem empregos com carteira assinada, é necessário que recorram a justiça para a mudança de seus registros, e mesmo após a operação não podem contrair matrimônio legalmente reconhecido.

SCHILT *apud* Cid, 2008, relata ainda que o ambiente de trabalho é um ambiente hostil. Em sua pesquisa relata que os “novos” homens, mulheres que se submeteram a cirurgia de mudança de sexo, apontaram acréscimo nos rendimentos e mais autoridade entre os colegas, já as novas mulheres tiveram perdas de salário e de autoridade.

O Transexual e a sociedade

A cada atitude preconceituosa contrapõem-se conquistas e ampliações significativas quanto ao alcance dos direitos humanos à vida e a dignidade, baseada nos direitos e garantias fundamentais, a consideração mútua de cada ser humano como igual é o objetivo dos movimentos mundiais em prol do estabelecimento de uma consciência sócio-jurídica concreta e inclusiva. (CUNHA, 2007)

Segundo a autora Cunha (2007), a cada atitude preconceituosa contrapõem-se conquistas e ampliações significativas quanto ao alcance dos direitos humanos à vida e a

dignidade, baseada nos direitos e garantias fundamentais, a consideração mútua de cada ser humano como igual é o objetivo dos movimentos mundiais em prol do estabelecimento de uma consciência sócio-jurídica concreta e inclusiva.

“É alarmante o número de transexuais que sofrem de depressão e problemas semelhantes” relata Oliveira (2011) “certamente não teria escolhido ser transexual e sofrer tudo o que sofri e passar por tantas situações que passei e fiz minha família, (que não escolheu ter uma transexual em seu seio) passar.”

A dignidade humana é um dos fundamentos dos Estados Democráticos de Direitos Contemporâneos Modernos compreendendo, respeitando as diferenças e aprendendo com elas, um novo significado dimensional da sexualidade humana abrangendo as diferenças e incluindo na sociedade o que antes foi exposto como patológico e vergonhoso. Ambos os sexos são oprimidos, os meninos treinados a insensibilidade e distanciamento emocional, dóceis e robotizadas pela ótica patriarcal. (CUNHA, 2007)

Em uma entrevista para uma revista Lea T relata:

“Eu to numa situação, que pra sociedade eu sou lixo (...) nós somos (...) não existe terceiro sexo legalmente. Então você não pode ser considerada uma transexual, você tem que ter uma operação, ou você é homem ou você é mulher. Agora eu, nos meus documentos eu sou homem, (...) e eu não tenho nenhum papel, nenhuma coisa legal que me dê o direito de ser chamada de mulher (...) eles chamam de ‘O transexual’, (...) porque não existe este terceiro sexo.” (LEA T, 2011)

Kirsten *apud* Portal da Educação (2008) detecta, em seu estudo, que homens transexuais fazem a transição, em média, 10 anos antes que as mulheres transexuais, alega que geralmente as meninas desejam demasiadamente os privilégios de pertencer ao sexo masculino acabam por mudar sua aparência física no final da adolescência ou próximas aos 20 anos. Já os homens tem o receio de perder o emprego, a independência financeira ou até mesmo de magoar a família ao assumir sua postura feminina, em muitos casos chegam a casar e ter filhos, por imposição da sociedade.

Conclusões

Observa-se que o assunto é de extrema relevância para a ciência psicológica, uma vez que Com a percepção da diversidade e problemáticas da realidade contemporânea,

verifica-se o aumento do número de pessoas que apresentam sofrimento psíquico devido à sexualidade, bem como, dificuldades no mercado de trabalho. As novas configurações familiares, cada vez mais diversas, acarretam olhares diversificados.

O assunto gera reflexões e discussões em diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Medicina, Filosofia, Religião, dentre outras. A relação estreita com preconceitos pode vir a gerar sofrimento psíquico.

Verifica-se bastante congruência em grande parte da bibliografia consultada, o que os estudos relatam pode ser confirmado pelos depoimentos e entrevistas disponibilizados por transexuais.

Apesar de o DSM – IV não diferenciar transgênero, transexual e homossexual, englobando tudo no “Transtorno de identidade de gênero”, existem materiais diversos à respeito, clarificando as sutis e eventuais diferenças de cada um. Como a matéria de Cegatto (s/d), onde ela relata que enquanto gays, lésbicas e travestis aceitam os órgãos genitais que têm, transexuais negam e repudiam o que a natureza lhes proporcionou. Vivem um estranhamento e desconforto em relação ao próprio corpo que pode vir a desencadear tentativas de automutilação e suicídio.

Não é fácil compreender a constituição psíquica destas pessoas, mas é possível visualizar o sofrimento, *“Sinto-me mulher desde que me conheço por gente. Nasci em Belo Horizonte e, aos 5 anos, já destruía o estojo de maquiagem da minha mãe, Marília. Aos 10, as amigas dela olhavam o meu cabelo chanel e diziam: 'Que linda menina você tem'. Ela não se deixava abalar pelos comentários e sempre compreendeu meu sofrimento.”* Marília -Gabriela, 22 anos, Publicado por Cegatto (s/d).

Marília Gabriela conta ainda: *“Sonho em me casar e há um ano namoro um administrador de empresas de 32 anos. Estava sozinha na fila do cinema quando ele se aproximou. No terceiro encontro, contei que era transexual. Ficou transtornado, mas disse que fiz bem de contar tudo logo no início. Acho que já estava envolvido pelo meu caráter e pela minha beleza. Continuou comigo mesmo assim”*. O que mostra, ao contrário do que muitos pensam, que transexuais são seres humanos, com sonhos, desejos e seriedade. *“Ainda não tivemos relações (...) Daqui a um mês, quando estiver totalmente recuperada,(da cirurgia de mudança de sexo) teremos nossa lua-de-mel como marido e mulher.”*

Há muitos relatos esperançosos, dentre eles, fantasias comuns de infância: *“Filho único de um casal mineiro. Aos 5 anos, maquiava-se para ir à escola. Aos 7,*



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

fantasiava que uma pílula mágica o transformaria em mulher.” (CEGATTO, s/d) A autora relata ainda que além do sofrimento, há as complicações na vida amorosa, e estas pessoas rejeitam o rótulo de homossexuais.

Estudos levantam hipóteses e confirmam que o transtorno de identidade de gênero tem a ver com a “programação cerebral”. “Depois de dissecar o encéfalo de seis transexuais nascidas com genitália masculina, os pesquisadores descobriram uma peculiaridade na região do cérebro que regula o comportamento de gênero.” (CEGATTO, s/d) Um médico renomado que realiza cirurgias de mudança de sexo insiste que ele não muda nada, apenas adéqua o sexo ao cérebro.

Referindo-se ainda ao estudo de Cegatto, Katielly Lanzini, 40 anos, além de relatar sua história e seus sofrimentos, traz uma reflexão interessante: “*As pessoas subestimam a capacidade das crianças de compreender as diferenças.*” Ao contar que seus filhos entenderam sua condição, quando, após se casar duas vezes, e ter pensado em suicídio, resolve “sair do armário”.

A discriminação e a falta de compreensão sobre o sofrimento psíquico destas pessoas é comumente vista na sociedade contemporânea, mas especificamente no Brasil, como pode-se verificar em um vídeo intitulado “Marina Reidel (versão estendida) Novela Viver a Vida Portal da Superação: Transexualidade”, Marina é professora, e já exercia esta profissão antes da transição sexual, ela conta que uma mãe tirou o filho da escola com a justificativa de que ela não era uma pessoa indicada para dar aula para ele, bem como, muitos pais não admitiam que ela desse aula para seus filhos.

“É alarmante o número de transexuais que sofrem de depressão e problemas semelhantes” Relata Oliveira (2011) “certamente não teria escolhido ser transexual e sofrer tudo o que sofri e passar por tantas situações que passei e fiz minha família, (que não escolheu ter uma transexual em seu seio) passar.” Ainda hoje é muito utilizado o termo “Opção sexual” inadequadamente, este termo foi substituído pelo termo “Orientação sexual”, que retrata de forma mais adequada as situações dos homossexuais, transexuais e transgêneros.



Referências Bibliográficas

DSM – IV – TR. **Transtorno da identidade de gênero.** Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=118> . Acesso em: 12 novembro 2010.

GALVÃO, Ana Luiza;ABUCHAIM, Cláudio Mooje. **Transtornos de Identidade de Gênero – transexualismo,** 2001. Disponível em: <<http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?421>> acesso em: 12 novembro 2010

GONÇALVES, Ábiner Augusto Mendes, 2006. **Transexualidade: entre os discursos jurídico e médico.** Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/132/121>> acesso em: 28 fev 2011

LEA T. **Entrevista da modelo transexual lea t à isto é.** Disponível em: <<http://supergiselleasthon.blogspot.com/2011/02/entrevista-da-modelo-transexual-lea-t.html?zx=12feef6acb6a3fe0>> Acesso em: 24 fev 2011.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros.** Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> acesso em: 12 novembro 2010.

OLIVEIRA, Cristyane. 20 fev 2011. **Lea T, o Conto sem Fadas** In: O diário de uma transexual. Disponível em: <<http://diariodeumatransexual.blogspot.com/2011/02/lea-t-o-conto-sem-fadas.html>> acesso em: 24 fev 2011

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Pesquisa com transexual comprova preconceito contra mulheres no trabalho.** Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/noticias/27611/pesquisa-com-transexuais-comprova-preconceito-contramulheres-no-trabalho>> acesso em: 22 mar 2011

SEGATTO, Cristiane. **Nasce uma mulher.** Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT441567-1664-3,00.html>> acesso em: 24 fev 2011

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES,Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação,** Ed. 3 Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>> acesso em: 12 novembro 2010.

Vídeo: **Marina Reidel (versão estendida)** In: Novela Viver a Vida Portal da Superação: Transexualidade. (s/d) Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9u9gOH0QZn8>> acesso em: 28 fev 2011
